

**Formatação:** A prova deverá ser redigida em fonte Times New Roman, espaço 1,5, alinhamento justificado e com recuo de paragrafação da primeira linha, e deverá ter **no mínimo a extensão de 3 páginas digitadas**.

**Consulta a materiais:** Conforme previsto em edital (2.2.12), as obras dos autores antigos abarcados nesta prova, Homero e Horácio, poderão ser consultadas durante todo o tempo de realização da prova. Na primeira 1h30min de prova, outros materiais de apoio poderão ser consultados e anotações poderão ser feitas; estas poderão permanecer em uso após o tempo indicado.

**Proposta: Coletâneas de textos para análise em vista dos conceitos da teoria da recepção:** Escolha uma das coletâneas (**a** ou **b**) e redija um comentário em que a análise dos textos (não é necessário abordar todos) se faça à luz da reflexão presente nos textos teóricos indicados no edital.

**A) HOMERO, *ODISSEIA***

Sophia de Mello Andersen (1919-2004), **Penélope**<sup>1</sup>

Desfaço durante a noite o meu caminho.  
Tudo quanto teci não é verdade,  
Mas tempo, para ocupar o tempo morto,  
E cada dia me afasto e cada noite me aproximo.

Ana Martins Marques (1977-...), **Penélope**<sup>2</sup>

Teu nome  
espaço

meu nome  
espera

teu nome  
astúcias

meu nome  
agulhas

teu nome  
nau

meu nome  
noite

teu nome  
ninguém

meu nome  
também

---

<sup>1</sup> *O nu na Antiguidade Clássica / Antologia de Poemas sobre a Grécia e Roma*. Porto: Assírio & Alvim, 2019.

<sup>2</sup> Marques, A. M. *Da arte das armadilhas. Poemas*. São Paulo: Cia das Letras, 2011, 45-46.

num só gesto  
reconhecer-te  
e perder-te

Ana Martins Marques, **Penélope**<sup>3</sup>

I  
O que o dia tece,  
a noite esquece.  
O que o dia traça,  
a noite esgarça.  
De dia, tramas,  
de noite, traças.  
De dia, sedas,  
de noite, perdas.  
Se dia, malhas,  
de noite, falhas.

II  
A trama do dia  
na urdidura da noite  
ou a trama da noite  
na urdidura do dia  
enquanto teço:  
a fidelidade por um fio.

III  
De dia dedais.  
Na noite ninguém.

IV  
E ela não disse  
já não te pertença  
há muito entreguei meu coração ao sossego  
enquanto seu coração balançava em viagem  
enquanto eu me consumia  
entre os panos da noite  
você percorria distâncias insuspeitadas  
corpos encantados de mulheres com cujas línguas  
estranhas eu poderia tecer uma mortalha  
da nossa língua comum.  
E ela não disse  
no início ainda pensei em você  
primeiro como quem arde diante de uma fogueira  
apenas extinta  
depois como quem visita em lembrança a praia da infância  
e então como quem recorda o amplo verão  
e depois como quem esquece.  
E ela também não disse  
a solidão pode ter muitas formas,

---

<sup>3</sup> Cohn, S. (org.). 2000 *Poesia.br*. Rio de Janeiro: Azougue, 2012, p. 15-17.

tantas quantas são as terras estrangeiras, e ela é sempre hospitaleira.

V

A viagem pela espera  
é sem retorno.  
Quantas vezes a noite teceu  
a mortalha do dia.  
Quantas vezes o dia  
desteceu sua mortalha?  
Quantas vezes ensaiei o retorno –  
o rito dos risos,  
espelho tenro, cabelos trançados,  
casa salgada, coração veloz?  
A espera é uma flor que eu consigo.  
Água do mar, vinho tinto – o mesmo copo.

VI

E então se sentam  
lado a lado  
para que ela lhe narre  
a odisseia da espera.

## B) HORÁCIO, I, II

*tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi  
finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios  
temptaris numeros. ut melius, quidquid erit, pati.  
seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,  
quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare  
Tyrrhenum: sapias, vina liques et spatio brevi  
spem longam reseces. dum loquimur, fugerit  
invida  
aetas: carpe diem quam minimum credula  
postero.*

Não procures – ímpio é saber – que fim  
deuses te darão e a mim também, Leucônoe,  
nem consultes babilônios números,  
tanto melhor será tudo sofrer! ou  
porque Jove deu vários invernos  
ou o último que já fere o Tirreno em  
opostas rochas. Sê sábia, vinhos  
filtra e suprime em breve espaço longa  
espera. Ao falar, vida foge ínvada:  
Colhe o dia e pouco crê no futuro.  
(Tradução de Paulo Martins)<sup>4</sup>

Ricardo Reis (Fernando Pessoa), XVII – Não queiras, Lídia, edificar no espaço [1]<sup>5</sup>

Não queiras, Lídia, edificar no espaço  
Que figuras futuro, ou prometer-te  
Amanhã. Cumpre-te hoje, não esperando.  
    Tu mesma és tua vida.  
Não te destines, que não és futura.  
Quem sabe se, entre a taça que esvazias,  
E ela de novo enchida, não te a sorte  
    Interpõe o abismo?

<sup>4</sup> Martins, P. (org.) *Antologia de Poetas Gregos e Latinos*. 2010.

<sup>5</sup> *Odes de Ricardo Reis*. Fernando Pessoa. (Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (imp.1994). - 160. 1ª publ. in Atena, nº 1. Lisboa: Out. 1924.

Sophia de Mello Andersen, **À maneira de Horácio** (1994)<sup>6</sup>

Feliz aquele que disse o poema ao som da lira  
À mesa do banquete entre os amigos  
E coroado estava de rosas e de mirto

Seu canto nascia da solar memória dos seus dias  
E da pausa mágica da noite –  
Seu canto celebrava  
Consciente da areia fina que escorria  
Enquanto o mar as rochas desgastava

Paulo Leminski, **Ode X**<sup>7</sup>

Nem me pergunte  
                  saber não presta  
Leuconoe  
                  que fim os deuses preparam  
nem arrisque  
                  números de Babel  
como se fosse o máximo – o que vier: fature  
se o Pai te concedeu vários invernos  
ou o último  
                  agora o mar tyrrheno cepilha pedras de naufragar  
filtra o vinho  
                  sorva os coos  
                            prazo breve  
                            corta  
                                  a espera  
e já era  
                  antes do tempo de dizer  
estamos conversados  
pega este dia  
                  crer no próximo  
                                  não vale um nihil

Paulo Heriques Britto, **Horácio no Baixo**<sup>8</sup>

Tentar prever o que o futuro te reserva  
não leva a nada. Mãe de santo, mapa astral  
e livro de autoajuda é tudo a mesma merda.  
O melhor é aceitar o que de bom ou mau  
acontecer. O verão que agora inicia  
pode ser só mais um, ou pode ser o último -  
vá saber. Toma o teu chope, aproveita o dia,  
e quanto ao amanhã, o que vier é lucro.

---

<sup>6</sup> *O nu na Antiguidade Clássica / Antologia de Poemas sobre a Grécia e Roma*. Porto: Assírio & Alvim, 2019.

<sup>7</sup> Leminski, P. *Ode X / Elegia II / de A esfinge (enigmas) / das Rime / Sobre a obra de Burroughs*. **Remate de Males**, v.4, p. 97. 1984.

<sup>8</sup> Folha de São Paulo, Ilustríssima, 09/01/2011.